

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A
DISTÂNCIA.
CURSO DE PEDAGOGIA.
PARFOR/CAPES/UEPB

Alcione de Araujo Medeiros

A CONTRIBUIÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA PARA O
DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA DAS
CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Campina Grande – PB

Agosto/2015

Alcione de Araujo Medeiros

**A CONTRIBUIÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA PARA O
DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA DAS
CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade Estadual da Paraíba como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia

Orientadora: Marilene Dantas Vigolvino

Campina Grande-PB

Agosto/2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M488c Medeiros, Alcione de Araujo
A contribuição da contação de história para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita das crianças da educação Infantil [manuscrito] / Alcione de Araujo Medeiros. - 2015.
24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Pedagogia do PARFOR EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2015.

"Orientação: Profa. Ma. Marilene Dantas Vigolvinho, Secretaria de Educação à Distância".

1.Contação de história. 2.Linguagem oral e escrita. 3. Formação de leitores. 4. Professor mediador I. Título.

21. ed. CDD 410

ALCIONE DE ARAUJO MEDEIROS

**A CONTRIBUIÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA PARA O
DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA DAS CRIANÇAS
DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em 01/08/2015
Nota: 9,5 (noze e meio)

BANCA EXAMINADORA

Marilene Dantas Vigolvinio
Profa. Me. Marilene Dantas Vigolvinio/UEPB
Orientadora

Francisco José Dias da Silva
Profo. Me. Francisco José Dias da Silva/UEPB
Examinador

Marta Lucia Souza Celino
Profa. Dra. Marta Lucia Souza Celino/UEPB
Examinadora

Rosicleide Henrique da Silva
Profa. Me. Rosicleide Henrique da Silva
Examinadora Externa

Sumário

RESUMO.....	4
INTRODUÇÃO	4
2- REFLEXÕES SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO UMA AÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO.....	6
2.1-A leitura como prática cultural.....	6
2.2- O ato de contar história e a formação do professor/ contador de história.....	10
2.3- A arte de narrar e o papel do contador de história na atualidade.	17
3. Conclusão	22
REFERÊNCIAS.....	24

A CONTRIBUIÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

MEDEIROS, Alcione de Araújo¹

RESUMO

A pesquisa intitulada A Contribuição da Contação de História para o Desenvolvimento da Linguagem Oral e Escrita das Crianças da Educação Infantil, objetivou verificar as contribuições que a contação de história traz no caminho para formação de leitores. Partindo desse pressuposto, refletimos ainda sobre a importância do desempenho do professor como mediador de história para despertar interesse nas crianças a ler e escrever cada vez melhor, ou seja, o professor como referência para as crianças se tornarem leitoras. Sendo assim, na análise deste estudo foi possível demonstrar que a contação de história é mais uma estratégia fundamental na formação de leitores que pode garantir o enriquecimento do processo educacional e valorizar a constituição de sujeitos críticos e reflexivos. Isto porque, a contação de história é um instrumento utilizado pelo professor que faz com que seus alunos submerjam no mundo da leitura e da escrita. E quando isso acontece faz com que eles possam experimentar novos saberes, pois com isso perceberão que esses novos saberes advêm de saberes anteriores. Do ponto de vista teórico, tivemos contribuições de estudiosos como Soares, Aroeira e Porto (2010), Maia (2007), Silva, (2009), entre outros.

Palavras-chave: Contação de história. Linguagem oral e escrita. Formação de leitores. Professor mediador.

INTRODUÇÃO

A contação de história é hoje um dos temas centrais na educação nacional em virtude de sua riqueza cultural, social e pedagógica. Diante disso, buscamos nesse artigo analisar as reflexões surgidas no debate, trazendo para o centro da discussão a contribuição da contação de história no processo de aquisição da leitura e escrita de crianças da educação infantil.

A escolha do tema em estudo resultou da vivência dos Estágios de Intervenção, etapa exigida no Estágio Supervisionado do curso de Pedagogia da

¹Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba

e-mail: alcione_amedeiros@hotmail.com

Universidade Estadual, realizado em escolas públicas municipais da cidade de Campina Grande, na área de Gestão Educacional, Educação Infantil e Ensino Fundamental. No decorrer da prática docente nas salas de aula da educação infantil e ensino fundamental I, percebeu-se a grande dificuldade que as crianças apresentavam para ler e escrever. Em face de tal problemática afloraram algumas indagações sobre a importância da Literatura Infantil nas salas de aula, já que ela pode e deve ser utilizada não somente como um recurso para ensinar os conteúdos que estão sendo ministrados ou para resolver os problemas específicos de comportamento pessoal e social, mas fundamentalmente como estratégia para trabalhar as dificuldades que estariam influenciando a aprendizagem dos alunos, no tocante à leitura e escrita.

O objetivo que norteia esta pesquisa é investigar se a leitura de livros infantis na Educação Infantil ajuda no desenvolvimento da linguagem oral e escrita das crianças na Educação Infantil assim como, se ampliam o seu repertório textual nessa fase de escolarização. Dizendo de outra forma, estabelecer relações entre a linguagem oral e escrita, refletir sobre as múltiplas formas de linguagem que permeiam entre as crianças e o professor durante todo o processo de contação de história

Em busca da consecução desses objetivos fizemos uma pesquisa bibliográfica, cujo referencial teórico fundamentou-se no pensamento de teóricos como Brandão e Rosa (2011), Soares, Aroeira e Porto (2010), Paiva, Maciel e Cosson (2010), Maia (2007), Kramer (2010), Silva (2009), Solé (1998), Souza (2009), Souza e Feba (2011), cujos estudos permitiram uma elaboração de forma sistemática acerca do tema em estudo. Neste sentido o texto está estruturado da seguinte forma. De início foi apresentado A leitura como prática social. Em seguida discutiu-se O ato de contar história e a formação de professor/ contador de história e finalizando com A arte de narrar e o papel do contador na atualidade.

Por fim, cabe ao professor/contador, na condição de mediador, proporcionar um ambiente de trocas afetivas, de prazer, de exercício da imaginação, da fantasia, da descoberta, da criatividade frente à narrativa, visando à aprendizagem da leitura e da escrita das crianças da educação infantil.

2- REFLEXÕES SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO

UMA AÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO.

2.1-A leitura como prática cultural

Ao longo dos anos, a educação vem se preocupando em contribuir na formação de indivíduos críticos e atuantes na sociedade, por isso a escola busca cada dia mais desenvolver na criança as competências da leitura e da escrita e utiliza-se de literaturas infantis desde a educação infantil até as primeiras séries do ensino fundamental para poder desenvolver esse processo de leitura e escrita de forma mais positiva.

É relevante destacar que antes do século XVIII os adultos que viviam em classes sociais mais elevadas orientavam seus filhos a lerem os grandes clássicos da literatura, por outro lado, crianças de classes mais populares não tinham acesso a livro algum. Séculos se passaram e a realidade brasileira ainda é bem parecida, embora tenhamos obtido algumas mudanças com a promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, lei numero 9.394/96, a qual vem estabelecer novas diretrizes e bases para a educação nacional, mas segundo Maia (2007, p. 77):

Não se pode negar que o debate em torno da formação do sujeito leitor tem suscitado diversas iniciativas no contexto educacional, no sentido de reverter o quadro da crise da leitura [...].

A crise da leitura colocada pela autora e que ainda hoje perdura, principalmente na escola pública é preocupante e pode ser um reflexo da falta de base ocorrido lá na educação infantil. Isto porque não tínhamos embasamento teórico suficiente para compreender o porquê e o para que a prática da leitura em sala de aula, uma vez que, como ressalta Solé, [...] “sempre deve existir um objetivo para guiar a leitura, em outras palavras, sempre lemos para algo, para alcançar alguma finalidade” (1998 p.22), ou seja, durante o processo de leitura há uma interação do texto com o leitor.

Assim, podemos afirmar que quanto mais cedo tivermos contato com os livros e percebermos o prazer que a leitura proporciona, maior será a probabilidade de nos tornarmos verdadeiros leitores. Portanto, verificamos que através da leitura é que a criança adquire uma postura crítico-reflexiva bastante relevante para a sua formação cognitiva, pois quando a criança lê uma história [...] “mesmo ainda não decifrando o código escrito, a criança constrói significados a partir de um referencial que lhe é muito particular: a própria experiência” Maia (2007, p. 78). A atividade permanente da leitura realizada pelo professor, nessa fase escolar, faz com que a criança viva uma situação de formação da sua linguagem e ampliação de conhecimento que certamente poderá levá-la a ser leitora proficiente.

A literatura infantil é de fundamental importância para a aquisição de conhecimento e interação com o ato de ler. Por isso, é necessário que se faça uma aplicação coerente de atividades que sejam prazerosas e despertem o prazer de ler desde bebê e durante toda a vida. Devemos assim, oferecer oportunidades para que a criança avance em seu aprendizado, impulsione seu desenvolvimento. Portanto, é muito importante que as crianças tenham acesso desde bebês a bons livros, com diversos gêneros textuais que possa oferecer grandes fontes de prazer e conhecimento. A esse respeito assim se coloca Maia (2007, p. 82):

Ao aproximar a criança de alguns modelos de linguagens (poesias, contos de encantamento e contos de fadas), nós oferecemos a ela a possibilidade de conhecer o uso real da escrita, pois é ouvindo e tentando fazer leituras de textos com mensagens que remetem ao universo, às vezes real, às vezes imaginário, que ela descobre a língua escrita como um sistema linguístico representativo da realidade.

Como propõe a autora a leitura ou contação de história realizada pelo professor nas salas de educação infantil torna-se o primeiro passo a ser trilhado em direção à construção de novos conhecimentos e a formação de grandes leitores e escritores. Assim, a escola tem papel primordial no sentido de ajudar as crianças a trilharem esse caminho, como descrito por Silva, (2009 p.31):

A escola certamente não é mais aquele estabelecimento sombrio e opressivo, com professores severos infundindo terror nos alunos. Ela se abriu ao diálogo, à liberdade, às novas metodologias. Deixou de insistir apenas no estímulo a uma percepção racional da realidade.

Não é mais preciso recorrer às histórias de uma velha ama para equilibrar o aprendizado curricular com um dado emocional. A leitura, a produção de textos, as diversas possibilidades que as disciplinas, feiras e outras atividades promovidas pela escola dão ao aluno para exercer sua imaginação e sua criatividade faz com que dentro mesmo do espaço escolar ele possa alcançar um desenvolvimento harmônico entre ciência e arte, razão e intuição. Isso é possível, e a literatura aí está sugerindo caminhos.

Sem dúvida é importante pensar que tais espaços escolares não podem ser locais paralisados ou paralisantes, ao contrário devem ser modificados, alterados sempre que se perceber necessidades de mudanças. Para tanto a formação do leitor, seja na biblioteca ou na sala de aula, não pode ocorrer se a criança for isolada do espaço sociocultural em que a escola se situa ou do espaço externo com o qual interage e é formado cotidianamente, como bem enfatiza Sousa (2009, p.58):

Defendemos que a sala de aula ou a biblioteca escolar, com a composição de seus espaços físicos, podem ajudar a refletir acerca desse leitor que a escola recebe e quer formar, sem desejar desligá-lo da sociedade em que vive.

Nessa perspectiva, Paiva, Maciel e Cosson (2010, p. 37) salientam que “ao longo da vida, as experiências de leitura de uma pessoa serão diferentes, dentre outros fatores porque seu conhecimento de mundo terá mudado”. Desse modo podemos dizer que a boa leitura está sempre sujeita às relações de cada época, expressando o modo de apropriação e de poder do leitor sobre o texto: como o leitor se apropria do que lê e do seu poder sobre escrito. Ao realizar a leitura de um texto, o leitor não só se apropria da obra como exerce poder sobre ela. Se por um lado, o poder do texto, como um livro está no direcionamento do leitor, ou seja, no seu modo de pensar e de sentir sobre as informações explícitas e implícitas contidas no texto, por outro, o poder do leitor sobre o livro depende de sua condição de questionar, refletir, interrogar e interagir os recursos e estratégias utilizadas pelo autor para tecer seu texto.

Atualmente, no contexto escolar podem ser identificadas várias modalidades de leitura, ou seja, várias maneiras de ler, e estas só se tornam possíveis por meio das práticas de leitura que, nesse contexto são legitimadas, ensinadas e

compartilhadas. Essas práticas de leitura se revelam pelo que se lê, às razões de se lê e ao como se lê, conforme enfatiza Sousa (2009, p. 59):

Acreditamos que não basta poder ler e compreender o que se lê, é preciso aprender a procurar o que se quer ler, a explorar o livro para além de seu texto principal e a conhecer os critérios que podem ajudar na escolha de um título.

Hoje um leitor proficiente é aquele que além de decifrar códigos é capaz de compreendê-los, ou seja, a decifração que em outros tempos definia o leitor como capaz, já não basta, ele precisa voltar a sua atenção para os significados e produzir sentidos sobre o que lê. A prática de leitura é considerada como “uma convicção disseminada de que a leitura é uma prática importante, que deve ser buscada e cultivada por todos” Souza (2009, p.51). A sala de aula pode e vem sendo tomada como um ambiente intersubjetivo e, acreditamos que, em seu interior, ocorram atividades que propiciem estas práticas de leitura.

Assertivamente afirmam Paiva, Maciel e Cosson (2010, p.26):

Grande parte da população brasileira aprende a ler na escola e tem acesso às primeiras leituras também nesse contexto. Por isso mesmo, a escola, de modo específico, consiste em agência de letramento das mais importantes. Sabemos sobre pessoas que aprendem a ler em outros espaços: é o caso de leitores educados em contextos letrados, com acesso a livros, bibliotecas, em diálogo permanente com leitores experientes. Defendemos, contudo, a escola como instituição em que as práticas precisam ser refletidas e sistematizadas. Afinal, à escola reserva-se o papel, antes de qualquer outro, de promover o ensino da leitura e da escrita.

Sem dúvida é o professor a conexão edificadora na comunicação entre as crianças e os textos exercendo o papel de mediador deste intercâmbio, tendo em vista que a acessibilidade aos textos trabalhados em sala de aula só se torna possível de compreensão por esse diálogo, o qual depende das práticas de leitura exercidas na escola. Segundo Soares, Aroeira e Porto (2010, p.42):

É nesse processo de interação que se destaca o professor como mediador entre a criança e o texto (objeto do conhecimento). Nessa

mediação, o professor deixa de ser o único possuidor e transmissor do conhecimento.

Sendo assim, ao realizar uma leitura o leitor pode mergulhar na obra e emergir a partir dela, quando esta o move e o incita a questionar e a interagir, dessa forma, o leitor pode construir um novo olhar sobre o mundo. Em Sousa (2009, p.191) vamos encontrar esse esclarecimento sobre leitura [...] “entendida como prática social, a leitura não se limita à capacidade de decifração, mesmo que se suponha neste gesto o entendimento do que se decifra”, ou seja, a leitura é de fato um processo no qual o leitor desenvolve um trabalho ativo na construção de sentidos para o texto.

A leitura pode ser entendida então como um processo que propicia movimento, fazendo com que os velhos saberes sejam aperfeiçoados pelo “saber da experiência”. Nesse sentido, a contação de história, as palavras publicadas pelo contador são como linhas desenhadas pelo ar. Enquanto o contador liberta as palavras presas no texto, o ouvinte vai criando e interpretando os desenhos, adentrando-se em um mundo mágico e tornando-se coautor da história narrada. Isso porque a contação de história inspira a fantasia, a imaginação, o lúdico e pode ser um meio valioso no desenvolvimento das práticas educativas.

Por isso a arte de contar histórias, pode ser parte integrante da formação de novos leitores. Daí a leitura ser de fato imprescindível no contexto educativo, em especial na educação infantil e nas séries iniciais, pois ela assume um papel significativo no sucesso ou no fracasso escolar das crianças.

2.2- O ato de contar história e a formação do professor/ contador de história.

O ato de contar história normalmente está relacionado a uma produção, pois todo texto narrado tem algum autor, por mais que seja desconhecido. O contador ao estar ciente disso faz com que o texto inicial adquira uma forma peculiar de narração e, por mais que ele não reproduza o texto exatamente como está no papel ou como o autor o produziu, ele realiza uma atividade de memorização, no momento em que relê o texto e assinala palavras que servirão de guia no decorrer do seu discurso

para que não possa apresentar seu texto de modo “improvisado”. Para fazê-lo, precisa atuar, conduzindo detalhadamente a narrativa dos fatos e não é tão somente alguém que narra palavras e gestos, mas alguém que tem um poder de criar exercendo um poder de sedução e transportando o ouvinte a um mundo, por vezes desconhecido, e os fatos, alguns deles, por ele percebido como enigmas. A arte de contar histórias depende, frequentemente, do poder de sedução do contador, poder esse resultante das relações que ele, ao contar, faz com a vida dos seus ouvintes e do modo como trabalha o objeto, o texto narrado, nem sempre de sua autoria, que deu suporte para a sua ação.

Vale ressaltar que vivemos numa sociedade em que o visual está muito presente e a intensidade e variedade das imagens nos cativa, fazendo nos esquecermos da escuta. Falamos muito, porém estamos pouco propensos a escutar. Como nos lembra Brandão e Rosa (2011 p. 37) “a participação da criança em rodas de histórias oportuniza a formação de uma comunidade de ouvintes que compartilha histórias de forma sincrônica no sentido temporal e espacial”. Por isso acreditamos que o trabalho com as narrativas orais, isto é, com a contação de história dentro das instituições escolares, seja um momento de roda ou na hora do conto frequentemente desenvolvido nas bibliotecas pode propiciar o (re)aprender a escutar. Pois, no momento em que o contador narra a história, ele cria uma conexão entre o texto e ouvinte e este precisa se colocar com a disposição de escuta. Esta condição de aprender a escutar do ouvinte pode ser propícia para a constituição de futuros leitores. Baseado nisso ressaltamos a importância dos mediadores de leitura, que segundo Souza e Feba (2011 p.76):

[...] se apresentam como atores principais de intermédio entre a criança e o texto. São os mediadores que vão traçar o caminho que esta criança irá percorrer. Por isso, é de suma importância que pais, professores, bibliotecários e agentes culturais tenham consciência de seu papel formador, para que essas práticas não sejam meramente técnicas. Cabe aos mediadores, ainda, levar o sujeito leitor a perceber o texto, compreender, dialogar e discutir aquilo que leu. O leitor não deve ser um sujeito passivo diante da leitura, mas necessita estabelecer uma relação de troca, uma experiência que o leve a se questionar, duvidar, crer e tecer novas concepções acerca do que leu.

Diante disso, não há dúvida que esses caminhos devem ser proporcionados pelo professor em seu dia a dia com os alunos, pois do ponto de vista de Silva (2009 p.35):

Os grupos de contadores de histórias atuam como elementos motivadores e preparatórios à leitura de livros, e nisso diferem dos contadores de anedotas e das novelas de TV. O contador de histórias sabe que seu papel é levar o ouvinte a tornar-se leitor, por isso, além de proporcionar-lhe um entretenimento na hora da contação, presta-lhe também informações sobre o livro, onde a história se encontra o nome de seu autor, a editora que publicou”.

Então, pode se abstrair da fala do autor que o contador de história precisa despertar o interesse da criança para que haja interação entre ele na qualidade de contador e a criança na condição de ouvinte.

Nessa perspectiva os contadores de história, especialmente das escolas públicas brasileiras apesar das dificuldades que precisam enfrentar devido à inexistência de locais adequados para a organização e distribuição de livros de leitura, vêm buscando tornar a sala de aula e a biblioteca em espaços de cultura e de memória, onde se passam imagens escritas, visuais ou audiovisuais, que se tornam inesquecíveis para os que ali se fazem presentes. Pois, desde que chegam à escola e até obter o domínio da leitura as crianças necessitam ter contato diário com os livros porque somente dessa forma poderão fazer uma leitura de mundo diferenciada e, conseqüentemente compreenderão melhor o próprio mundo, já que a leitura é o caminho para que ela produza o próprio pensamento. Por isso, “podemos propor práticas de leitura na escola em consonância com as práticas desenvolvidas na vida social, de modo a torná-las mais significativas” é o que nos adverte Paiva, Maciel e Cosson (2010, p.27) uma vez que no ambiente escolar há múltiplas formas de leitura e os diversos elementos do contexto condicionam e influenciam a maneira de ler e muitas são as práticas documentadas que vão desde a leitura em voz alta até as da memorização de trechos envolvendo distintas atividades com a escrita, assim como são diversas as posturas dos professores ao avaliarem a leitura das crianças. O mais importante mesmo é o professor saber fazer essa associação entre a leitura ideal e as múltiplas formas de leitura que a criança traz na leitura de um texto.

A contação de histórias inspira a fantasia, a imaginação, o lúdico e pode ser um meio valioso no desenvolvimento das práticas educativas na educação infantil e no decorrer das séries iniciais do ensino fundamental, por isso a arte de contar histórias, pode ser parte integrante da formação de novos leitores. Daí a leitura ser de fato imprescindível no contexto educativo, em especial na educação infantil e nas séries iniciais, se considerarmos que a leitura assume papel significativo no sucesso ou no fracasso escolar das crianças, mas nessa perspectiva enfatizada por Soares, Aroeira e Porto (2010, p. 42):

Para melhor compreender como se dá a construção do conhecimento da leitura e da escrita, o professor deve colocar-se no ponto de vista do aluno que aprende para saber verificar como e porque ele pensa e faz a sua escrita, procurando, ainda, compreender também o que é essencial e o que é periférico na leitura, para decidir o que deve ser central e o que é apenas complementar em seu trabalho pedagógico.

Assim na perspectiva colocada pelo autor evitaremos a ideia tão comum de ao pensarmos em leitura, quase sempre, pensamos em códigos linguísticos de um texto literário ou não, porém a leitura vai muito além da simples decodificação dos elementos escritos da língua materna. Não podemos subestimar o mérito da leitura de livros em sala de aula, realizada com o intuito de formar “bons leitores”. Para tanto é necessário planejamento, pois segundo Soares, Aroeira e Porto (2010 p. 42) a intervenção deve ser:

[...] planejada para favorecer a ação do aluno sobre o texto. Esse exercício de mediação exige dele um conhecimento claro do processo de construção do conhecimento, para identificar o que a criança já sabe, como pensa, como lê e escreve, o que significam seus diferentes desempenhos e como agir para que continue evoluindo para os níveis seguintes.

Sem dúvida, devemos planejar nossa intervenção, para podermos entender que, segundo a nossa tradição simbólica, formar leitores é conduzir as pessoas, arranjando e organizando situações que sejam capazes de ver, conhecer, compreender, aprender o que foi articulado outrem, por vezes pelo leitor em

situações anteriores. Por conseguinte, a leitura não se reduz a decodificações pontuais dos signos, visto que alguns sentidos atribuídos ao texto começam a ser constituídos pelo leitor, antes mesmo da sua leitura propriamente dita.

Olhar para a leitura e compreendê-la como instrumento do processo formativo para o ser humano é imprescindível e para que isso ocorra é necessário que haja uma relação íntima entre o texto e o leitor, de modo que possam acontecer nessa relação, mudanças em sua subjetividade. Ao realizar uma leitura o leitor pode mergulhar na obra e emergir a partir dela, quando esta o move e o incita a questionar e a interagir, sendo assim, o leitor pode construir um novo olhar sobre o mundo. A partir do momento em que o indivíduo realiza esse tipo de leitura de um texto, ele, enquanto leitor é levado a pensar, refletir, interrogar e interpretar sobre aquilo que o texto está lhe dizendo, há uma interpelação do texto sobre o leitor que o coloca em questão tirando-o de si mesmo e, ocasionalmente, o transforma.

Partindo dessa premissa, cabe reafirmar a importância do professor como mediador, pois mediar é interceder e o mediador da leitura é capaz de fazer fluir o próprio objeto de leitura até o leitor, ou seja, mediador é aquele que intermedeia o encontro entre o (leitor) e o (objeto) a ser lido. Considerando essa mediação entre o objeto e o sujeito, Brandão e Rosa (2011 p. 36) afirmam que “o contato das crianças com a história é mediado pela voz da professora, que lê, canta ou narra. Essa mediação implica uma proximidade física entre quem conta e quem ouve, além de uma interação situada num plano simbólico”.

Neste caso, faz-se necessário um olhar mais cuidadoso do educador que, pelo espaço e poder que ocupa no ambiente escolar, é um dos responsáveis mais importantes na formação do educando, especialmente como leitor. Cabe ao mediador apresentar e incentivar a leitura de diversos tipos de texto e/ ou objetos para leitura. Torna-se necessário, então, que todos aqueles que exerçam a função de mediadores da leitura estejam cientes do seu papel de despertar nas crianças o prazer de ler, dispondo de conhecimentos teóricos sobre leitura e literatura e sobre os acervos disponíveis na sua instituição de ensino, para que possam exercer de maneira efetiva o papel que lhes compete na formação de leitores. Para tanto,

entendemos que o verdadeiro contador de histórias é aquele que nos leva aos lugares mais distantes trazendo à tona nossos medos e nossos sonhos.

Exemplo disso são os povos ancestrais que apresentavam suas histórias míticas não só pela comunicação oral e gestual, mas também através dos registros nas paredes das cavernas, com desenhos e pinturas, de algumas experiências vividas no cotidiano. Essas pessoas eram figuras de destaque na comunidade por serem os que sabiam apresentar conselhos, fundamentados em fatos, histórias e mitos, mantendo viva a herança cultural do grupo. Os contadores tiravam de suas vivências e dos saberes delas obtidos, o que contar. Eles ritualizavam hábitos e costumes de uma comunidade, muitos deles com o intuito de construir uma base “identitária”, nos momentos em que a comunidade, geralmente distribuída em semicírculos, sentava-se à volta da fogueira para ouvir e trocar conhecimentos. Com o desenvolvimento tecnológico e o surgimento de novas mídias, como a televisão, o cinema e a internet, essa arte foi praticamente banida dos encontros sociais e esses contadores, especialmente, os que narravam oralmente, passaram a ser esquecidos, embora muitas das suas histórias sejam sustentadas através da modalidade escrita. Hoje, a superficialidade das relações sociais faz com que as experiências de compartilhar deixem de existir e esses novos contadores já não realizam apenas a transmissão oral de que vivenciaram, mas a transmissão oral de histórias de outros autores e aquelas impressas.

Em decorrência de todas essas mudanças, fica evidente a importância dos professores-contadores que, em sua sala de aula, ou até mesmo na biblioteca da escola, exercem a contação com o intuito de desenvolver nas crianças o gosto pela leitura e os ensinamentos da leitura e da escrita, apesar da escassez de programas de formação e da falta de consciência por grande parte dos professores da necessidade de adquirirem habilidades para contar as histórias, de modo a proporcionar, além do prazer e do lazer possibilitado pela escuta, o compartilhamento das emoções e das vivências. Tal posicionamento ou concepção pode ser explicado pelo ato desse trabalho de contar histórias estava frequentemente vinculado a preocupações pedagógicas, como as relacionadas à aquisição da leitura e da escrita. A esse respeito sustentam Soares, Aroeira e Porto (2010, p. 44) que “para combinar a alfabetização e o letramento, o professor precisa

então, criar oportunidades em que a criança possa vivenciar, intensamente, atos de leitura e escrita”. Assim, o contador de histórias necessita de algumas habilidades técnicas para contar ou narrar uma história, além de um ambiente adequado para poder envolver o público no momento da contação de história. Nesse sentido, embora extensa, porém necessária, trazemos as orientações formuladas por Girardello (citado por MINAMI, 2006) para a contação de histórias:

Faça uma seleção de títulos que desperte em você a vontade de passá-los aos alunos. É importante abrir o universo deles para diferentes narrativas, com temas como a vida e a morte, nossa origem e a humanidade, além de mitos. Para se familiarizar com a narrativa, treine contando para amigos e familiares. Comece a narrar para grupos menores, enquanto você conhece as suas possibilidades. Reúna os ouvintes em roda para que eles se sintam próximos de você. Escolha recursos, como desenhos, bonecos, músicas e movimentos de dança, com os quais você se sinta mais à vontade. Use elementos expressivos, como imitação de vozes e movimentos com as mãos (estalar de dedos e palmas). Empregados na hora certa, eles fazem a diferença. Imagine os detalhes de todas as cenas e descubra a melhor maneira de entoar cada trecho. Preste atenção em alguns refrãos ou frases de impacto que podem ser repetidos sempre do mesmo jeito - porque são bonitos ou soam bem. Quanto mais a história for contada, maior o número de novas imagens que são incorporadas a cada cena. Esta é a peculiaridade da oralidade: cada um recria o conto. Projete a voz na sala e amplie os gestos para que o público não se disperse. Quando o enredo pedir um tom mais suave, todos entenderão o recurso e farão silêncio para ouvir. Antes ou depois da narração, conte de onde vem a história: de um livro, de um filme, da mitologia grega ou se aconteceu com alguém conhecido. Assim, a turma fica sabendo que também pode passá-la adiante. Ignore as peraltices de alguns e conte a história para o resto da classe. Se alguma coisa que os bagunceiros fizerem, vale incorporá-la à performance, sem quebrar o clima da história. Contar histórias sempre envolve alguns imprevistos. O importante é não ter medo. Geralmente, as crianças querem que a narração prossiga. Então, elas vão ajudar você.

Ou seja, contar ou ler histórias requer um preparo que vai desde a escolha do texto até a sua apresentação, daí a importância da performance do professor/contador que precisa além das orientações acima frisadas conhecer e investigar o que é produzido na área de literatura, além de possuir uma boa bagagem pessoal de leitura.

2.3- A arte de narrar e o papel do contador de história na atualidade.

Contar histórias é a mais antiga das artes. Desde os tempos mais remotos as pessoas se reuniam para contarem e repetirem histórias, preservando desse modo às tradições, crenças, mitos, costumes e valores a serem preservados pela comunidade. É inegável a riqueza da história, pois é através dela que os fatos se tornam conhecidos, experiências são adquiridas a curiosidade é estimulada, além de desafiar a criatividade e o imaginário das pessoas. Na opinião de (BUSATTO, 2006, citado por RIGLISKI, 2012, p. 6):

Contar histórias é fermento para o imaginário. Elas nascem no coração e, poeticamente circulando, se espalham por todos os sentidos devaneando, gatiando, até chegar ao imaginário. O coração é o grande aliado da imaginação nesse processo de produção de imagens significativas. Com o coração, a gente sente e vê com os olhos internos as imagens que nos fazem bem.

Ou seja, a ação de contar histórias aflora a memória afetiva, encantando as pessoas e principalmente as crianças porque sua linguagem é prazerosa e educativa. Então a contação de história enquanto ato educativo pode contribuir para desenvolver a imaginação, a observação, a linguagem oral e escrita da criança como também seu interesse pela leitura, desde que seja contado dentro de um contexto simples e adequado ao entendimento da criança. Respeitadas tais condições o professor contador de histórias, se transformará no mediador no contexto da educação, especialmente na infantil, na medida em que a história passa a ser reinventada pela criança por meio de um desenho, uma pintura, ou até mesmo de uma fala. Corroborando com essa ideia Soares, Aroeira e Porto (2010, p. 44) afirmam:

Assim, tão importante quanto ler histórias para os alunos, é deixar que eles também “leiam” estas histórias, quando, além de imitar o ato do professor, terão oportunidade de interagir com o texto e seus significados.

Com isso, evidenciam os autores, se tornará possível a construção da aprendizagem em relação à competência cognitiva da criança, favorecendo a formulação de conceitos, a compreensão de suas atitudes no mundo, além da possibilidade de se identificar com papéis sociais que certamente exercerá ao longo de sua vida.

Para isso, faz-se necessário que o professor tenha convicção do seu papel de mediador, pois segundo Brandão e Rosa (2011, p. 34) [...] “a atividade de leitura e contação de histórias é um componente importante na materialização do conceito de qualidade na Educação Infantil.”.

Sendo assim, observa-se a importância de partirmos de situações reais e didáticas contextualizadas, envolvendo o uso da leitura e da escrita, oferecendo às crianças oportunidades de ampliar suas possibilidades de uso da língua e somente o professor no seu papel de contador de história terá a incumbência de iniciar esse trabalho lá na base que é a Educação Infantil. Assim, enfatizamos ainda a importância do contador de história explicar o porquê de acriança estar participando, por exemplo, de uma roda de histórias para que ela possa ser participante assídua dessa atividade e poder fazer uso da linguagem oral como porta de acesso a leitura diária. A leitura deve sempre ter um objetivo e é muito importante que o professor proponha situações em que as crianças possam desenvolvê-las e a contação de história é uma delas.

Como diz Brandão e Rosa (2011, p. 36):

[...] além da roda de histórias, outras oportunidades de interagir com esses textos precisam estar presentes na Educação Infantil, na forma de contatos espontâneos das crianças com livros, na roda do bom-dia ou na hora da novidade, nas conversas com a merendeira-contadora de histórias, no empréstimo do acervo da sala ou da biblioteca para casa [...].

De acordo com o autor citado é importante que o professor oportunize as crianças a exploração de diversos gêneros textuais que vai ajudá-las a ler e escrever. Assim confirma Paiva, Maciel e Cosson (2010, p.33):

O papel do professor e de outros mediadores da leitura é fundamental desde o momento da seleção dos textos e materiais de leitura – em diferentes suportes (livros, revistas, jornais, recortes, cartas, e-mails, blogs, cartazes, panfletos, bulas, etc) e numa diversidade de gêneros (literários, jornalísticos, científicos, publicitários, epistolares, etc.). Qualquer que seja o nível da turma com que se trabalhe o planejamento da leitura e, dentro dele, a organização do tempo pedagógico para as atividades de leitura são peças-chave para o bom resultado do trabalho do professor.

O autor evidencia desta forma a importância do planejamento para a contação de história de modo a se tornar o primeiro passo a ser dado em direção ao processo de alfabetização e letramento, tendo em vista que depois da decisão do que quer ler para as crianças e para que, o professor precisa pensar no como ler e se dedicar para obter melhor qualidade em seu trabalho, com o propósito de fazer a criança tomar gosto pela leitura. Afinal, o modo como se lê e a relação afetiva do leitor com o mediador serão experiências marcantes na vida das crianças. Dessa forma, haverá interação e aproximação entre professores e alunos. Segundo Kramer (2010, p. 66):

Há muitas e diversas formas de o papel do professor (competente e consciente) se manifestar na escola, e elas não são passíveis de rótulos ou categorizações enganosas. É preciso, porém, identificar que formas são essas, expandi-las e fornecer as respostas às indagações (“em que pontos eu pego?”) para o conjunto dos professores que no seu dia a dia lutam por ensinar as crianças a ler, escrever e contar.

Sem dúvida, essa não é uma tarefa simples. É necessário então registrar que existe uma série de fatores que determina o papel desse profissional na luta pela alfabetização, dentre eles, a sua formação e as suas condições de trabalho. Nesse sentido, podemos nos indagar: como anda a qualidade da formação dos professores/contadores de história; será que dispõem de um razoável espaço físico e de tempo já que estão inseridos numa escola pública marcada pela precariedade e descaso das autoridades? Como se não bastasse, ainda são penalizados pelo fracasso de muitas crianças das escolas públicas brasileiras? Será que o trabalho docente não seria melhor se os professores contassem com apoio administrativo e pedagógico adequado e necessário? Será que a burocratização da administração pública reinante nas escolas não vem contribuindo para a fragmentação do trabalho escolar e fazendo com que gradativamente os professores venham perdendo sua

unidade e a autonomia, chegando muitas vezes a ser caricaturado de supervisor, orientador, etc. São questões que devem ser levantadas e precisam de respostas práticas e eficientes para que se possa analisar o fracasso escolar, que caracteriza a situação atual da educação brasileira, especialmente no tocante à leitura e escrita dos alunos seja da educação infantil ou do ensino fundamental.

Em que pesem todas essas questões, a contação de história, sem dúvida, se constitui em uma forma por excelência do exercício do papel do professor na escola, sobretudo na educação infantil porque acreditamos como Souza e Feba (2011, p. 81) que “a literatura inicia a criança na palavra, no ritmo e na memória, desenvolvendo a competência literária, cuja formação se produz através do hábito leitor”. Para Paiva, Maciel e Cosson (2010, p. 110) “o incentivo à leitura, à busca de livros e a frequência a bibliotecas pode ocorrer tão logo às crianças comecem a tomar contato com a escola, fazendo com que compreendam e valorizem a cultura escrita”. Por isso é bem verdadeiro que quanto mais oferecermos literatura as crianças mais elas estarão capacitadas a compreender o mundo de forma mais ampla e de se tornar um ser crítico e reflexivo.

Mesmo no mundo atual com o surgimento das novas tecnologias, com o acesso fácil a toda e qualquer informação o professor precisa ter bons argumentos para fazer uso de todas as ferramentas para “[...] conscientizar os educandos de que o conhecimento dá poder ao leitor de selecionar, por exemplo, às novas informações disponíveis, seja na internet ou nos livros Paiva, Maciel e Cosson (2010, p.110)” É importante que a escola ofereça a criança um desenvolvimento cognitivo baseado na criatividade e na construção de conhecimentos, ancorado na ludicidade, principalmente na educação infantil. Nessa perspectiva, é importante que a escola tenha clareza de sua função social, isto é, do seu papel enquanto instância humanizadora. Em Kramer (2010, p. 190) encontramos esse posicionamento:

“[...] a revitalização do gosto de ler e a vontade de escrever e mostrar para o outro o que se escreveu são ações ligadas à possibilidade de resgate da dimensão cultural da escola e do papel – como uma instância dentre as demais – na conscientização de uma política de emancipação cultural e de participação efetiva da população na criação, na produção (e não apenas na reprodução) da cultura”.

A leitura vinculada à realidade social, a cultura dá asas a imaginação e aí a criança contextualiza a história e como nos lembra de Brandão e Rosa (2011, p. 39):

[...] ao ouvirem histórias, as crianças mobilizadas em vários aspectos, envolvendo seu corpo, suas ideias sua linguagem, seus sentimentos, seus sentidos, sua memória, sua imaginação. Além disso, a imagem que associa a experiência de quem ouve histórias a um estado de contemplação, de fruição, de “viagem”, de evasão da realidade, revela apenas parcialmente o que é o contato com histórias e seus impactos na infância. Se pensarmos particularmente sobre a roda de histórias, mais do que uma experiência eminentemente subjetiva entre um leitor e um texto, essa é uma atividade que envolve pelo menos um adulto que lê ou conta histórias e um grupo de crianças que são convidadas a se inserirem num movimento coletivo ao se colocarem na posição de ouvintes e interlocutores. Envolve, portanto, uma rede de interações intersubjetivas, circunscritas numa prática cultural, própria de determinados agrupamentos sociais, em contextos históricos bem definidos e que sugerem condutas que têm certa uniformidade e previsibilidade.

Nesse sentido, a contação de história não pode ser feita de qualquer jeito, nela já está intrínseco um objetivo, dentre tantos outros, que é o de tornar as crianças leitoras ativas. Assim, é fundamental que o professor enquanto leitor e mediador mais experiente se preocupe sobre a condução dessa contação de história, pois para que tudo ocorra bem é preciso um planejamento das situações de leitura na roda, para que assim ele possa obter melhores resultados. Essas situações são desafiadoras para os educadores principalmente os de crianças pequenas, porque é preciso que se tenha um olhar sensível para os sinais de interação das crianças e observar se elas estão verdadeiramente aprendendo com essa atividade. É muito importante que o mediador da história promova uma conversa em torno da leitura. É necessário pensar previamente em perguntas que surgirão antes, durante e depois do texto, porque o objetivo não é somente responder as perguntas das crianças e observar as reações delas, mas é contribuir para seu envolvimento na atividade e para a construção de sentido que pode ser confrontado e expresso na conversa sobre a história contada, como lembra Souza e Feba (2011, p. 152):

A literatura, enquanto obra de arte, estimula o desenvolvimento estético de cada pessoa, pois não explica o mundo como o faz a

ciência e a razão. Entretanto, por ser rica em interações e fecunda em ambiguidades a arte tem o poder de aflorar nossos sentimentos, o que gera o refinamento do nosso espírito e acarreta uma nova percepção sobre o mundo, as pessoas e as relações existentes.

Diante disso, fica evidente a relevância da contação de história, pois permite que as crianças vejam o mundo de diversas maneiras e a formularem opiniões diversas sobre eles, tornando-se mais flexíveis para aceitar as diferenças tão comuns no seu dia a dia escolar familiar e social.

A leitura ou contação de história realizada pelo professor nas salas de educação infantil poderá se tornar o primeiro passo a ser trilhado em direção à construção de novos conhecimentos e a formação de grandes leitores e escritores. Assim, a escola tem papel primordial no sentido de ajudar as crianças a trilharem esse caminho. Então a atividade permanente da leitura realizada pelo professor, nessa fase escolar, faz com que a criança viva uma situação de formação da sua linguagem e ampliação de conhecimento que certamente poderá levá-la a ser leitora proficiente.

Com base nos teóricos que embasaram nossa reflexão pudemos inferir que a contação de história no contexto das salas de Educação Infantil contribui significativamente para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita das crianças, ou seja, é um caminho possível a ser seguido em busca da formação de leitores.

3. Conclusão

Com base na literatura consultada juntamente com as experiências vivenciadas nos estágios de intervenção como aluna do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB e também como professora da rede municipal de ensino pode-se perceber que o contar histórias na educação infantil, favorece o desenvolvimento da criança em vários aspectos, além de proporcionar lazer e prazer a ela.

Desse modo, pode-se constatar a grande contribuição do contar histórias na educação infantil, porque impulsiona o desenvolvimento da criança na linguagem oral e escrita, linguagem corporal, cognitivo, desenvolve a imaginação, amplia o

vocabulário, desenvolve o emocional, a atenção e concentração entre outros. Para tanto, o professor necessita desenvolver técnicas e lançar mãos de materiais adequados para favorecer a ludicidade e a dramatização da história. Nesse sentido, o professor precisa valorizar o contar história como uma atividade prazerosa e constante em sala de aula de forma que tanto o professor quanto o aluno possam alcançar seus objetivos de forma descontraída.

Por fim, espera-se que os professores/contadores de história acreditem no potencial pedagógico desse recurso e nesse referencial teórico que fundamentou esse trabalho como uma opção metodológica para criar um espaço de reflexão e análise sobre as práticas escolares mais comuns nas escolas, que é a contação de história.

ABSTRACT

The survey entitled The Contribution of storytelling for the Development of Oral and Written Language of Children's Education Children, aimed at assessing the contributions that the storytelling brings on the way to formation of readers. Based on this assumption, we reflect on the extent of teacher performance as history intermediary to arouse interest in children to read and write better and better, that is, the teacher as a reference for children to become readers. Thus, in the analysis of this study was possible to demonstrate that the storytelling is another key strategy in the formation of readers who can ensure the enrichment of the educational process and supporting the creation of critical and reflective subjects. This is because the storytelling is an instrument used by the teacher who makes his students get immersed in reading and writing world. And when that happens causes them to experience new knowledge, because with it you will realize that these new knowledge comes from prior knowledge. From a theoretical point of view, we had contributions from scholars like Soares, Aroeira and Porto (2010), Maia (2007), Silva (2009), among others.

Keywords: storytelling. Oral and written language. Formation of readers. Facilitator.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Ester Calland de Sousa. ROSA Ester Calland de Sousa. **Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas**. Organização. – 2. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011 (Língua Portuguesa na Escola; 2).

Disponível em: **Revista escola. abril.com.br/edições-impresas/197.shtm** (Nova Escola Edição 197, novembro 2006). Acesso em: 05/04/2014

KRAMER, Sônia. **Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso**. São Paulo: Ática, 2010. 213p.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007. – (Coleção literatura & ensino).

PAIVA, Aparecida. COSSON, Rildo. Maciel, Francisca **LITERATURA: ensino fundamental** / Coordenação, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 204 p: il. (Coleção Explorando o Ensino; v. 20).

Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Disponível em: www.sbu.unicamp.br/ser/ojs/index.php. Acesso em: 10/05/2015.

RIGLISKI, Adriane Schreiber. **Contribuições da contação de histórias no desenvolvimento das linguagens na infância**. Disponível em: bibliodigital.unijui.edu.br:8080/.../TCC%202012%20Adriane%20S.%20... de As Rigliski - 2013. Acesso em 03/07/2015.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura**. 2. d. ver. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009. 294 p.; 220 cm.

SOARES, Maria Inês Bizzotto. PORTO Amélia. Aroeira, Maria Luísa **Alfabetização Linguística; da teoria à prática**. Belo Horizonte: Dimensão, 2010.144 p.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Trad. Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação** / organizadora. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

_____. e FEBA Berta Lúcia Tagliari. (organizadoras). **Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.